

A PRIMA-DONA DO ESTADO

Por Julio Cesar Monteiro Martins

A grande praça defronte ao Palácio da Justiça estava lotada de camelôs, operários em trânsito, militantes políticos que distribuíam panfletos e bandos de crianças de rua. Era uma tarde de mormaço, e eu acabara de enfrentar uma fila de duas horas numa agência bancária para descontar um cheque de pequeno valor, com o qual eu pretendia atravessar a semana. Comprei um cachorro-quente numa barraquinha da praça e, enquanto comia, observava o fluxo contínuo de desespero, ladroagem, sexualidade e revolta. Um pandemônio de sustos previsíveis e traumas coletivos.

Uma mulher negra e miúda, de corpo bem torneado, mas vestida como uma mendiga, subiu num banco da praça e começou a tirar a roupa. Respondendo aos assobios dos pivetes, ela gritava, num tom propositalmente vulgar, quase teatral, que “tinha o direito de vender o que era dela”, enquanto a sua calcinha de elástico frouxo caía sozinha na altura dos joelhos. Ela rebolava e passava a mão entre as coxas, entre os pelos, rindo e cantando uma canção que eu jamais escutara antes, que dizia: “é com isto aqui que eu vou colar no grandão”. A cena me despertou nojo, horror, e uma incontrolável excitação sexual, que fazia tremer as minhas pernas e as minhas mãos. Fiquei preocupado que alguém percebesse o meu tesão pela figura sórdida e pensei em me afastar dali quando notei que as mãos dos outros homens à minha volta também tremiam pelas mesmas razões.

Logo em seguida um grande tumulto tomou conta da praça. A multidão estava sendo rasgada por uma tropa de elite do Exército de Ocupação, com o Coronel Maddox à frente, de pé num carro de combate, com o uniforme de camuflagem, o rosto lambuzado de negro e o capacete ornado por farrapos que imitavam galhos e folhas. A tropa abria passagem para um cortejo fúnebre. Alguma autoridade nomeada pelos invasores havia sido assassinada por uma bomba da resistência organizada. O Estado, ferido, investia contra as massas, e nos ordenava que sentássemos no chão com as mãos na cabeça, sob a mira das metralhadoras. Enquanto isso, o Estado desfilava pela avenida nos seus melhores paramentos, afirmando de público a sua solidez e a sua vitalidade diante do povo submetido, como uma escola-de-samba às avessas.

O Cardeal vinha logo atrás das tropas, com um séquito de bispos com as suas mitras. Eram seguidos pelos comandantes das três Forças Armadas, indicados pelo Coronel Maddox, com seus uniformes verde, branco e azul cobertos de medalhas e galões. Atrás deles, uma fila de limusines pretas com os vidros escuros guardavam os políticos e os empresários. A Polícia Militar, usando carros com alto-falantes, gritava ameaçadoramente para a massa, com promessas de vingança do tipo: “nós vamos esmagar todos os implicados no atentado, um por um, até o último, para restabelecer a paz e a ordem no País”.

Todos queriam abandonar aquela praça e sumir dali, mas quem tentasse se levantar seria imediatamente fuzilado. Os carros de combate distribuíram-se em pontos estratégicos e

o Coronel Maddox esperava que alguém lhe desse um pretexto para justificar um massacre exemplar. Ninguém poderia prever quanto tempo demoraria aquela demonstração do aparato do Estado. Eu estava exausto, e as costas me doíam muito naquela posição. Foi quando ouvi atrás de mim a voz da mulher negra e virei a cabeça. Ela ainda estava de pé no banco, com a calcinha arriada, passando a mão nos pentelhos e cantando: “é com isto aqui que eu colar no grandão”. Ela era a única pessoa de pé em toda a multidão, e rebojava sensualmente como se nada estivesse acontecendo. “Vai ser fuzilada agora”, pensei. Mas os soldados apenas a observavam, e nem ao menos ordenaram que descesse do banco ou que parasse de cantar.

O caixão da autoridade vitimada passou sobre um carro-de-combate, coberto pela bandeira nacional e pela bandeira do país invasor. O Coronel Maddox perfilou-se em continência e todos os outros militares o imitaram. A negra apertava os seios, como que para tirar leite, rebojava e apontava para os soldados estrangeiros quando cantava o trecho que dizia: “eu vou colar no grandão”. Alguns soldados riam e zombavam dos colegas de tropa, como que insinuando “é a você que ela vai agarrar depois”.

Aos poucos percebi que o Estado não apenas tolerava a exibição da mulher louca, mas na verdade nos oferecia aquele espetáculo como um complemento à exibição ostensiva de força das instituições. Ela era a nossa porta-voz, a nossa única voz. Ela nos representava, e era nela que nós deveríamos nos mirar para compreender o que havíamos nos tornado. O Coronel Maddox já a havia percebido, e ria também. Os policiais locais apenas sorriam constrangidos. Eu virei a cabeça para trás novamente, e a mulher estava de quatro, passando os dedos entre as nádegas, cantando cada vez mais alto o seu refrão. Eu me controlei para não chorar de raiva. Ninguém ali poderia fazê-la calar-se. Ela estava sendo sagrada a nossa rainha. A rainha daqueles homens sentados, imobilizados. Ela estava sendo coroada pelo nosso silêncio e pelas risadas dos estrangeiros.

A noite descia sobre a praça. O cortejo parecia interminável. O Coronel Maddox saltou do carro e caminhou entre a multidão inerte, passando em revista os vencidos, batendo com um rebenque de couro na calça do uniforme. Ele andava em direção à mulher, que continuava a sua dança pornográfica e demente. Os bispos a olhavam com reprovação, mas ninguém ousaria manifestar-se. O Coronel parou diante dela, rindo, e entregou-lhe o seu rebenque. Ela passou o rebenque por entre as coxas e o esfregou nos pelos pubianos para frente e para trás, excitadíssima, enquanto repetia: “é com isto aqui que eu vou colar no grandão”. O Coronel Maddox deu uma gargalhada e bateu palmas, gritando: “Bravo! Bravo!” E toda a tropa repetiu o seu gesto. Eles nos olhavam como que tentando adivinhar quem seria o próximo a subir no banco. Eu fiquei vermelho de ódio e de vergonha. Mas não poderia prever então que com o tempo a resistência seria completamente aniquilada e que todos nós subiríamos naquele banco e cantaríamos mais ou menos a mesma música.*

JULIO CESAR MONTEIRO MARTINS (ITÁLIA/RIO DE JANEIRO) – Escritor. Publicou dezenas de livros, entre coletâneas de contos e romances, no Brasil e na Itália, país onde reside há vários anos, destaque para *A Oeste de Nada* (Contos, Civilização Brasileira, 1981), *Madrelingua* (Romance, Editora Besa, 2005) e *L'Amore Scritto* (Ficção, Editora Besa, 2007).